

MV, CP 1449, 01415 SP.

Meus caros Maria, Helena e Milton, antes de mergulhar na papelada em cima, (e por baixo da minha escrivãzinha, não posso senão escrever esta carta para agradecer-lhes, como-vi, a sua acolhida. São abraços fraternais como os seus que dão sabor a vida. E te-los sentido e uma boa maneira para lançar-se dentro da aventura que é todo início de um ano novo. Que nos seja leve a todos, e que nos permita revermo-nos com saúde e dispostos a continuarmos mudando e sorvendo o mundo.

Este ano novo coincide com a nossa experiência do abismo entre os nossos dois mundos. Jamais senti tal abismo mais violento. Talvez seja por causa da estação climática: aqui o termómetro se recusa a subir acima de zero, o céu é de um azul pálido, e a paisagem está encoberta por bruma gelada quase invisível. (Incrível beleza). Igualmente violenta a diferença entre Congonhas e Roissy, embora mais difícil a ser definida. Talvez seja a automação, (a ausência da pessoa humana), que nos chocou desta vez naquele aeroporto "futurista", (anunciador de um futuro não-humanista). Mas, dada a minha forma mentis, o que mais me fere é a diferença no clima intelectual, que desta vez suporta com dificuldade. Permita, caro Milton, que reflita um pouco sobre isto, a fim de clarificar a confusão da qual sou presa.

Os dois últimos encontros paulistas eram a nossa discussão na casa da minha sogra sobre "comportamento simbólico e instintivo", e o nosso encontro no aeroporto. Luta calorosa e convivência corpo a corpo. Os dois primeiros encontros aqui eram: anteontem em casa com Zardouni e Louis Mermaz, (presidente da câmara dos deputados), cujo tema era "morte da política e pensamento informático e relacionista"; e ontem em casa dos Becs com Claude Mollard, (diretor do Ministério da Cultura), cujo tema era "cultura musulmana espanhola e persa em oposição ao Ocidente", (Bec tinha voltado de Algers há dois dias). Pois ambos, Zardouni e Bec, são amigos próximos, o clima era um pouco festivo, (São Silvestre), e havia a melhor vontade de todas as partes para estabelecerem contacto vivo. No entanto: havia como que barreira transparente, (por culpa minha?). Senti-me por fora. Talvez porque fui obrigado, de repente, a mudar de atitude. Em São Paulo assumia a posição de provocador que ataca preconceitos. Aqui a posição de defensor da tradição do Ocidente. (Acabo de ler a seguinte sentença: "Todos os juízos que precedem o Juízo Final são prejuízos"). O que para mim foi difícil a engolir é a prontidão dos europeus para abandonar-se. Falta de espinha dorsal, o que resulta em plasticidade e elasticidade molusca. São todos acrobatas contorcionistas.

Por certo: há dois panos de fundo diferentes, diante dos quais todos os encontros se passam. No Brasil o pano de fundo é a lenta e inexorável decomposição do tecido social, e a sensação surda que algo de novo está emergindo. Aqui é a derrota da esquerda francesa, (vivida como o último ensaio para uma sociedade humanista), e a sensação surda de não mais haver futuro para gente do nosso tipo. Por certo: os dois panos de fundo podem perfeitamente ser os dois lados da mesma moeda. Mas a vivência é oposta. No Brasil é a angústia, aqui a falta de perspectiva. No Brasil estamos sendo empurrados para um canto, aqui estamos sendo largados no vazio. No Brasil se ficar, o bicho come. Aqui: se correr, o bicho pega. Pois é difícil ficar e correr simultaneamente.

O meu ensaio "Para o universo das imagens tecnicas", no qual procuro captar, a minha maneira, esta reviravolta torpe, ("dumpfe Umkehr"), da qual somos testemunhas la como aqui, esta atrazando. O computador que deveria ja ter composto o texto, esta sendo ocupado horas a fio por outros departamentos da Universidade de Goettingen, e a coisa nao ficara pronta antes do fim de janeiro. Nao sei porque estou ficando tao impaciente: como se algo dependesse da publicacao da coisa. E como se eu sentisse o impulso de fazer qualquer coisa antes que seja tarde. Megalomania.

Teu problema "transferencia de tecnologia" me serviu de trampolim para tentar a explicar aos meus interlocutores o meu fluctuar entre dois mundos. (No qual alias nao estao muito interessados.) Fenomenologicamente: Do lado de la transformar um receptor em emissor, tornar-se "adulto". Do lado de ca chupar tudo que pode ser chupado, e abdicar a responsabilidade de ter que elaborar modelos. Do lado de la criar coluna vertebral, sair do estagio de molusco. Do lado de ca sair da carapuca crustacea e deixar-se vagar nas ondas. A ironia e que o lado de la nada no oceano das informacoes ao sabor das ondas, e o lado de ca nao pode senao secretar modelos duros. Exemplo: quanto mais a Algeria quer emancipar-se da tutela europeia, tanto mais se americaniza; e quanto mais a Franca quer "admitir a personalidade algerina", tanto mais vai mandando gente como Bec para la, afim de la organizar a vida artistica e as estruturas das escolas. A tentativa de "abrir-se para a Algeria" resulta na transferencia da tecnologia educacional franceza, tecnologia esta que aqui esta falhando. E a historia da Volkswagen, das usinas nucleares, e da informatica em S.Paul Eis o paradoxo: Aqui estamos convencidos que nada temos a ensinar, la estamos convencidos que podemos comecar a ensinar, e este aparente acordo leva a um incremento do fluxo nefasto das informacoes para u sul a partir do norte. E como se existisse um declive que faz com que as informacoes corram do norte para o sul, nao importa qual a intencao dos participantes. Automaticidade? Deshumanizacao automatica do sul pelo norte, malgrada a tentativa nortista de humanizar-se com a ajuda do sul ainda nao automatizado?

Discuti com Mollard a "metodologia da liberdade": na Franca o metodo e "democracia", no Brasil e a anarquia, (decomposicao de ditadura). Sera a corrupcao, a inflacao, a falta de policiamento, e a ausencia de justica efetiva, preferivel a a uma busca disciplinada da diminuicao dos poderes do estado? Resposta de Mollard: a anarquia, qualquer que seja sua forma, leva atualmente mais depressa para o estabelecimento de um totalitarismo ciberneticico que a democracia, embora ambas levem para isto. Isto porque a necessidade de segurancia e mais fundamental que a necessidade da liberdade. Nao adianta ter a liberdade de ir e vir, se vou ser morto na rua Lembrei-me da tua afirmativa que no terceiro mundo os governos sao necessariamente fracos, coisa que no primeiro mundo e considerado vantagem. Mollard: os governos vao ficando fracos automaticamente, na medida em que as funcoes vao ficando automatizados. Fraqueza de governo nao mais significa liberdade, mas abre as portas para o totalitarismo deshumano dos aparelhos. Anteontem Mermaz disse mais ou menos o mesmo que dizes: liberdade passa a ser indesejavel? Viva a segurancia, isto e: viva a morte. Tudo isto sao farrapos de pensamentos, nascidos da mudanca de mundos e de anos. Por favor, respõda.

Abracos.